

Os quadrinhos como fonte de saber na escola: A utilização das HQ'S na prática do ensino de História.

Janáina Porto Sobreira

Graduanda em História – UFRN

O seguinte projeto tem por finalidade trabalhar com a utilização de um recurso ainda tímido, mas que vem ganhando espaço nas salas de aulas: As histórias em quadrinhos. Entendendo a sua utilização e refletindo sobre a importância na construção do saber histórico e por se tratar de um projeto de pesquisa, são sugeridas reflexões de uma perspectiva na prática docente, sobretudo para os alunos da educação básica e àqueles do ensino médio. A utilização das HQ'S representa um grande avanço no universo educacional, pois se trata de um recurso que permite compreender, dentre outros fatores, o cotidiano de crianças e jovens, pois a leitura é muito mais popular entre eles. Discute ainda as percepções que esses jovens compreendem do mundo globalizado que estão inseridos, ou seja, assuntos podem ser trazidos à tona via gibis, cartoons, charges, etc, e integrados no processo ensino-aprendizagem. Em suma, o projeto poderá contribuir na formação de um licenciando consciente de sua prática pedagógica, bem como construir um mecanismo reprodutor das ideias de transmissão do saber histórico de uma maneira dinâmica, auxiliando pela prática da interdisciplinaridade.

Palavras chave: Quadrinhos, ensino, aprendizagem.

Segundo a Circe Maria Bittencourt (2009), a sociedade brasileira acrescenta novas exigências ao ofício dos professores. O trabalho do educador é, muitas vezes, acrescido de uma realidade que se faz cada vez mais presente no imaginário das famílias e de outras instâncias sociais, como o mercado de trabalho, este, mais exigente na formação do indivíduo.

Poderíamos afirmar que o trabalho do professor soma-se com o cotidiano individual de cada um, em outras palavras, seria algo parecido como “ensinar a viver”, muito além então, de uma sala de aula. Com isso, entendo que a identidade desse profissional é tomada de desafios que carregam dificuldades em sua prática, tornando-se por vezes, desgastantes.

É nesse contexto desafiador de metodologias e exigências que o profissional da educação encontra nas tais dificuldades e no que concerne ao seu ofício, um dia-a-dia com perspectivas pormenorizadas, no sentido das dificuldades. A autoestima profissional destes educadores se concentra nos resultados do cotidiano por muitas vezes enfadonhos. E essa problemática se agrava quando percebemos que o próprio professor a certa altura do “campeonato” se entrega à labuta cristalizada de suas práticas, não havendo assim, uma auto-reflexão quanto agente da transmissão do saber e da prática dentro das salas de aula.

O professor, enquanto pesquisador e agente do conhecimento necessita compreender que seu foco e objetivo de trabalho são também para si mesmo.

Ter novas perspectivas em busca de técnicas que o auxiliem no processo de ensino é importante, mas que isso não se justifique por obrigação e sim, por entender que faz parte de seu ofício.

Não falo aqui de uma revolução educacional ou de uma “máquina de fazer professores reflexivos”, tão pouco de uma fórmula perfeita para a formação de um docente, falo de alternativas que, por sua vez, compreendem o universo da educação e daqueles que se propõem a fazer parte dele.

Partindo de todas as premissas citadas anteriormente e “entendendo que ‘dar aula’ é uma ação complexa que exige um domínio de saber característicos e heterogêneos” (BITTENCOURT, 2009, P.51) suponho que trabalhar com recursos novos, como as histórias em quadrinhos, nos permite de maneira objetiva e criativa, compreender o universo histórico e sua importância, dependendo, claro, da maneira com que seja abordada.

A ideia é utilizar as HQ's de maneira com que os alunos, da educação básica/fundamental e da educação do ensino médio, experimentem um método menos, digamos, “maçante”, como na relação “professor – livro didático”. A expectativa atribuída nessa utilização é a de transformação de ideias no campo teórico para a prática, já que os próprios alunos, por vezes, tomam a iniciativa de ler historinhas extraclasse. Além disso, me atrevo a pensar que alguns destes – estudantes –, se identificam à ponto de produzirem suas próprias historinhas.¹

A evolução da indústria tipográfica e o surgimento de grandes cadeias jornalísticas, fundamentados em uma sólida tradição iconográfica, criaram as condições necessárias para o aparecimento das histórias em quadrinhos como meio de comunicação de massa. [...] (RAMA; VERGUEIRO; 2009, P.10).

A notarmos pela maioria dos livros didáticos disponíveis no mercado, chegamos à conclusão que a utilização das histórias em quadrinhos no ensino de História ainda é singela, muito embora esses mesmos livros indiquem que a utilização de charges, seja para ilustrar os conteúdos dos capítulos, seja para serem aproveitadas em atividades pedagógicas, já é bastante difundida no ensino da disciplina.

¹ Referência ao projeto de pesquisa com o qual o presente artigo tomou por base. Desenvolvido como parte do Estágio Supervisionado de Formação de Professores na Escola Estadual Governador Walfredo Gurgel. Em determinado momento da aplicação do projeto, os alunos participaram de uma oficina de produção de quadrinhos.

Sem dúvidas, os quadrinhos representam hoje um recurso de ideias e elementos de comunicação que constituem um dinamismo no que diz respeito a interpretação. Afirmo esse posicionamento mas compreendo que é preciso ter cautela, já que os próprios alunos podem não entender a mensagem codificada nas charges. Portanto, a intervenção do professor é necessária, pois será na sua capacidade de orientação que os estudantes encontrarão o esclarecimento mínimo para determinada finalidade.

Analisando que tal utilização no ensino pode ocasionar numa maior “absorção” de conhecimento. Pensando que por se tratar de um elemento considerado diversificado, os estudantes se sintam mais “à vontade” em estudar através das historinhas. Um pensamento que me faz retomar na questão do cotidiano em sala, pois é aí que podemos perceber que a velha relação professor – livro didático pode ser, então, “modificada”

Acreditando que esses mesmos estudantes queiram ler os quadrinhos, pois há várias décadas, as histórias em quadrinhos fazem parte do cotidiano de crianças e jovens, com uma leitura sendo muito mais popular entre eles a inclusão das histórias na sala de aula não é objeto de qualquer tipo de rejeição por parte dos estudantes, que em geral, as recebem de forma entusiasmada, sentindo-se, com sua utilização, propensos a uma participação mais ativa nas atividades de aula. (RAMA; VERGUEIRO, 2009, P. 21)

O que de fato é pensado aqui é de como os quadrinhos poderiam auxiliar na relação ensino - aprendizagem em sala de aula e a partir disso, tirar conhecimento em novas experiências, aprimorar os conceitos que se seguem, estimular a criatividade dos alunos e dos próprios professores, profissionais que devem estar sempre em busca de novas perspectivas de atuação.

Os quadrinhos têm um caráter globalizador, permitindo que qualquer estudante tenha acesso à elas, sem uma necessidade de conhecimento específico. Na sala de aula, os quadrinhos podem representar uma alternativa rápida e simples no compreender de um determinado assunto, ou seja, palavras e imagens juntas ensinam de forma mais eficiente. O recurso das HQ's permite ainda, um auxílio no hábito da leitura para alunos que têm alguma dificuldade – problema frequente no cotidiano escolar –, por se tratar de um gênero menos “rotineiro” e/ou obrigatório para os mesmos.

No que concerne ao ensino de História em nosso país, “[...] as justificativas para a utilização de documentos nas aulas de História são várias e não muito recentes.” (2009, p, 327) assim segue:

Um documento pode ser usado simplesmente como ilustração, para servir como instrumento de reforço de uma ideia expressa na aula pelo professor ou pelo texto didático. Pode também servir como fonte de informação, explicitando uma situação histórica, reforçando a ação de determinados sujeitos, etc., ou pode servir ainda para introduzir o tema de estudo, assumindo neste caso a condição de *situação-problema*, para que o aluno identifique o objeto de estudo ou o tema histórico a ser pesquisado. (BITTENCOURT, 2009, P. 330).

Coloco ainda o fato de ser um recurso muito acessível e que possui baixo custo, facilita assim um leque de imaginação no seu uso dentro de uma esfera que poderá trabalhar as relações humanas no contexto histórico. Em termos de relevância social, além de proporcionar um dinamismo na relação ensino-aprendizagem, os quadrinhos representam uma manifestação do comunicar, expressando um ponto de vista, do ser e do estar, posicionamentos de outrora e fruto de outras sociedades. Habilidade imprescindível ao se estudar a história.

Torna-se necessária a relação do professor com os seus alunos em diferentes contextos, seja em sala de aula, seja fora dela. O uso de um recurso dinâmico como as HQ's proporciona uma interação no produzir do saber, as possibilidades de retorno por parte dos estudantes são grandes, ora, falo aqui de uma maneira divertida e que têm um perfil mais dialético entre os próprios leitores.

Precisamos, enquanto professores pesquisadores, observar como certos contextos podem ser trabalhados com os estudantes e a partir de que forma a sua utilização oferece um método eficiente na transmissão da mensagem a ser compreendida.

Outra questão seria de como oferecer um tema que pudesse ser compreendido sem grandes problemas pelos estudantes. Possivelmente, fazer uma adaptação ao método sem prejudicar a essência informativa das fontes tornar-se-ia uma tarefa de duplo sentido: informatizar as fontes disponíveis e adaptar essas mesmas fontes em conteúdos propícios à utilização pelos quadrinhos.

Suponho que a utilização dos quadrinhos auxiliará no processo cognitivo dos alunos nas aulas de história. Sua relação com as figuras de linguagem e suas apropriações dos contextos históricos e de como é possível apontar diferentes caminhos para o aprendizado em História poderá transformar as aulas num espaço de trocas de experiências. No entanto, é importante nos orientarmos quanto ao uso dos quadrinhos que:

[...] Devemos entendê-la apenas como mais um recurso pedagógico que, se bem empregado, pode trazer bons resultados. O potencial pedagógico das histórias em quadrinhos é enorme. Mas, assim como o cinema e a literatura ficcional, os quadrinhos são muitas vezes vistos pelo professor de História apenas como suporte de um conteúdo. Eles podem ser mais do que isso. (VERGUEIRO, 2009, P. 106)

Hipoteticamente meu interesse é fazer com que os alunos, após a utilização das HQ's, se interessem mais com as possibilidade de uso desses gibis. É sempre importante a ressalva quanto à leitura, independentemente de gêneros e tipologias.

Busco compreender como é possível se utilizar desse método “divertido” para agregar valores com fins de transmissão de ideias, de um canal de comunicação, um elo que poderá interagir entre os estudantes e os professores.

Nota-se que a inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida passando por transformações significativas até os dias hoje. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicadas por um texto escrito. Embora não possa ser tomada como referencial específico de todo o projeto, tal citação nos possibilita pensar numa evolução em relação ao surgimento e o amadurecimento do gênero para fins diversos.

O objetivo é utilizar um método favorecedor que proporcione aos alunos uma maneira prazerosa e inteligível, sem causar maiores obstáculos iniciais. Tomando cuidado, inclusive, para que os documentos forneçam informações claras, de acordo com os conceitos explorados pelo professor.

É importante adotar procedimentos de leitura, apesar de suas especificidades próprias. Convém lembrar-se da conjectura de produção: Quem são os autores; quando e onde foi produzido; por quem fala; a quem se destina; qual é a sua finalidade, dentre outras condições.

Um procedimento que engloba as ações de checar, conferir, comparar e relacionar fontes e suas contribuições para o aprendizado dos alunos. Outro ponto importante a ser considerado é a de que nem todo quadrinho é de origem ficcional. Muitos quadrinhos constroem uma constituição de seus autores. Apresentando um caráter autobiográfico. Há intenções de reconstituir as memórias de seus autores, com isso, notemos uma necessidade de transmissão de experiências e intenções.²

Assim, vemos uma nova função da história em quadrinhos, afetando a educação do público infantil, em face da transmissão de ideologias, por trabalhar conceitos de vida e morte, alegria e tristeza, medo, insegurança, luta, agressividade, timidez, dentre outros tão importantes para quem se encontra em formação, ampliando assim os conhecimentos sobre o mundo, que a vida social exige.

Reconheço aqui e a todo instante que os quadrinhos me fazem enxergar de maneira positiva e inovadora, que há sempre espaço para novas possibilidades em sala de aula. Não nego outras contribuições, como o uso do cinema, da fotografia, da literatura, dentre outros. Todas essas metodologias contribuem significativamente na formação de um profissional da educação.

Para suporte teórico do artigo, me fundamentei no conceito utilizado por Vigotski (1988), que investiga os processos de formação do conhecimento. Segundo o mesmo, existem dois níveis de desenvolvimento da mente humana. O primeiro é o nível de desenvolvimento real, que é constatado pela capacidade de se resolver problemas de forma independente. O outro é o desenvolvimento potencial, que é determinado pela resolução de problemas com o auxílio de um adulto ou de companheiros mais capazes.

A distância entre esses níveis é a zona de desenvolvimento proximal. Assim, caso atue nessa zona, admite Vigotski, o professor pode desenvolver as habilidades de seus alunos, o que no nosso caso implica dizer em história. Desenvolvendo-se, o aluno ganhará autonomia de pensamento e poderá pensar historicamente, dependendo das circunstâncias, claro.

Após essas constatações, abordo outro ponto bastante discutido nos últimos anos, sobretudo nas produções acadêmicas: a interdisciplinaridade.

² Entre os quadrinhos de caráter autobiográfico podemos destacar Art Spiegelman: “fábula adulta” sobre a perseguição nazista aos judeus;

Sabe-se que a articulação de vários campos no contexto educacional valoriza a ideia de enriquecimento dos materiais com fins de aprendizado.

Passamos, na maioria das vezes, por graduações que nos fazem refletir sobre nossas práticas e de como é importante a utilização de outras fontes e de outras áreas na nossa formação. Julgo fundamental essa relação de saberes na produção educacional. Agregar valores diversificados me constrói um sentimento de satisfação, pois não ficaríamos limitados a uma única área de conhecimento.

A interdisciplinaridade me proporciona um amplo campo de possibilidades na relação ensino-aprendizagem. Assuntos co-relacionados entre si e que resgatam uma identidade de informação diversificada ocasiona uma espécie de “esponja” do aprender.

Das mais diversas formas de se aprender, a “mistura” de duas ou mais ciências poderão sim, permitir que alunos e os próprios professores consigam dialogar entre si com mais fluidez e a obterem retorno daquilo que buscamos no nosso dia a dia: a formação de indivíduos reflexivos e conscientes do mundo que os cercam.

Referências

AZEVEDO, Crislane B. **Estágio Supervisionado como lugar de pesquisa e suas implicações na formação do professor de história**. Apostila de texto (Aula de Estágio Supervisionado). Natal: UFRN, 2010.2.

BITTENCOURT, Circe M. F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2009.

RAMA, Angela. VERGUEIRO, Waldomiro. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3ª Ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. São Paulo: Martins Fontes, 1988